



(RE)CORTES FEMININOS: ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO, VIOLENCIA E O PAPEL DO DESIGN DE ATIVISMO NESSE CONTEXTO

LAURA DOS SANTOS MOSCHOUTIS¹; CAMILA PORTO BURGUEZ²; LÚCIA BERGAMASCHI DA COSTA WEYMAR³

¹*Universidade Federal de Pelotas – laura.smosc@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – porto.camilab@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – luciaweymar@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

A influência do designer enquanto agente formador de valores pessoais e coletivos corresponde à capacidade das mídias de fazê-lo.

Há uma cultura veiculada pela mídia cujas imagens, sons e espetáculos ajudam a urdir o tecido da vida cotidiana, dominando o tempo de lazer, modelando opiniões políticas e comportamentos sociais, e fornecendo o material com que as pessoas forjam sua identidade. (KELLNER, 2001, p.9)

Porém, a capacidade do designer é ainda maior e remonta, principalmente, à conexão histórica da aquisição de informações e conceitos do ser humano através da imagem. Segundo Meggs (2009, p.10), “Desde os tempos pré-históricos, as pessoas buscam maneiras de dar forma visual a ideias e conceitos, armazenar conhecimento sob a forma gráfica e trazer ordem e clareza às informações”.

Portanto, a preocupação com a produção de significados nas peças de design e a utilização social desse poder é absolutamente relevante em discussões que procuram corroborar com a ideia de que o designer não seja apenas um instrumento para a venda de produtos ou ideias produzidas pelas necessidades do mercado, mas que também seja produtor de imagens coordenadas com as necessidades sociais da população a quem esse designer/autor procura representar ou dirigir-se, e da qual faz parte. Dentro desse contexto, iremos, nesta pesquisa, aprofundar o debate sobre o design ativista e as questões de gênero.

Apesar de amplamente discutido nas mídias tanto tradicionais quanto sociais a discussão sobre gênero e violência contra a mulher não está esgotada. Pelo contrário, recente pesquisa sobre violência sexual mostra que 85% das mulheres brasileiras afirmam ter medo de sofrer tal violência e que a cada onze minutos é registrado um estupro no Brasil. Tal pesquisa ainda dá a conhecer a naturalização deste tipo de violência, com o dado de que 37% da população concorda com a afirmação de que “mulheres que se dão ao respeito não são estupradas” (DATAFOLHA, 2015). Deste modo, fica nítido que, mesmo com as discussões sobre gênero realizadas, ainda são relevantes os estereótipos limitadores do papel da mulher os quais corroboram com ideias de objetificação e desumanização destas.

De acordo com Emily Martin (2006), em “A mulher no corpo: uma análise cultural da reprodução”, existe em nossa sociedade uma dicotomia e fragmentação do corpo feminino que resulta na falta do estabelecimento de uma relação entre a mulher e seu próprio corpo, criando a ideia do corpo como uma

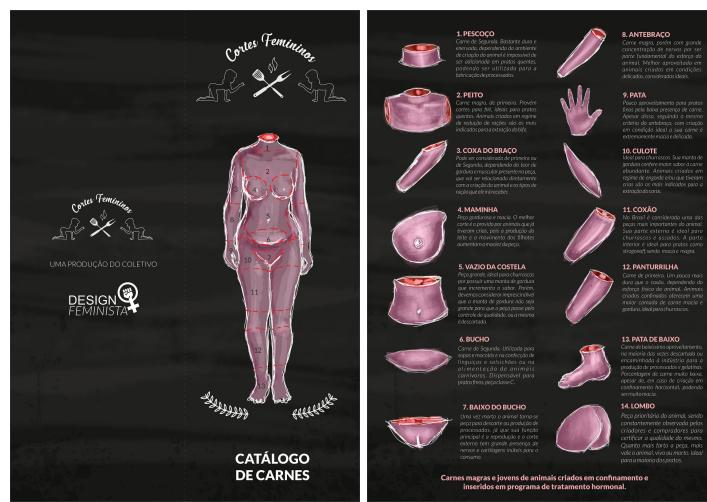


máquina ou como um simples objeto. Essa objetificação acaba por resultar, também, no estabelecimento de padrões considerados apropriados pelo público masculino. E produz, na mulher, insegurança e necessidade de se ajustar a tais padrões. De acordo com Bordieu

A dominação masculina, que constitui as mulheres como objetos simbólicos, cujo ser (esse) é um ser percebido (percipi) tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis. Delas se espera que sejam "femininas", isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas. (BOURDIEU, 2002, p. 41)

Dentro deste panorama, o presente trabalho procura, a partir da produção de um projeto de design social intitulado “Carta de Carnes: Cortes Femininos”, produzido pelas autoras para a disciplina de Design de Autor - ministrada pela professora Lúcia Weymar - no primeiro semestre de 2017 (Figuras 1 e 2), diagnosticar por onde passa o problema da objetificação e desumanização do corpo feminino, e apresentar dados de violência sexual e doméstica coordenados com produções acadêmicas que discutem como se desenha, ainda hoje, a ideia de feminino e o papel da mulher na nossa sociedade.

FIGURAS 1 E 2



2. METODOLOGIA

A fundamentação metodológica da presente pesquisa dá-se a partir de revisão bibliográfica - com base em artigos e livros (apresentando autores que discutem gênero, como Simone de Beauvoir (1960), Laura Mouley (1983), Emily Martin (2006), P. Bourdieu (2005), Caroline Manfrão (2009); que discutem o papel da mídia e do Design, como Douglas Kellner (2001), Philip Meggs (2009) e Fuad-Luke (2009) e também pesquisas quantitativas previamente realizadas (DATAFOLHA, 2016) -, buscando uma abordagem qualitativa que procura aprofundar a discussão sobre questões de gênero e relacioná-las ao papel do designer enquanto produtor de conteúdo.



3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O desenvolvimento da pesquisa apresenta, primeiramente, a discussão sobre o papel do designer na formação de conceitos e valores que passem a fazer parte da construção da lógica e das atitudes de indivíduos e sociedade. Mostramos essa influência trazendo à tona a discussão sobre o poder histórico da imagem (MEGGS, 2009).

Em segundo lugar, pretendemos aprofundar a discussão sobre o design como forma de ativismo que é, segundo Fuad-Luke (2009, p.27), “(...) o planejamento, imaginação e prática aplicados, conscientemente ou inconscientemente, para criar uma contra-narrativa destinada a gerar e equilibrar positivas mudanças sociais, institucionais, ambientais e/ou econômicas.”

Propomos uma discussão que considere as formas de design ativista enquanto instrumentos que disputem o espaço das narrativas imagéticas com a imensa produção de material para o consumo, a qual atende as necessidades do mercado e, na maioria das vezes, reproduz e reafirma estereótipos.

Num mundo governado por um desequilíbrio sexual, o prazer no olhar foi dividido entre ativo/masculino e passivo/feminino. O olhar masculino determinante projeta sua fantasia na figura feminina, estilizada de acordo com essa fantasia. Em seu papel tradicional exibicionista, as mulheres são simultaneamente olhadas e exibidas, tendo sua aparência codificada no sentido de emitir um impacto erótico e visual de forma a que se possa dizer que conota a sua condição de “para-ser-olhada”. (MOULEY, 1983, p.444)

Dentro deste panorama buscamos introduzir à discussão a questão de gênero e a reprodução segundo padrões do que seria o feminino e suas consequências. Também discutimos o que fundamenta esse padrão e como pode ser identificado. A partir disso, traçamos um paralelo entre os padrões de gênero e os dados alarmantes de violência doméstica, física, moral e sexual no Brasil, visando relacionar as formas de violência com tais conceitos estereotipados e os perigos que esses trazem à dignidade e integridade femininas.

Por fim, discutimos como as formas de ativismo que buscam romper com esses estereótipos podem auxiliar na disputa pela narrativa sobre o gênero feminino e desconstruir esses valores e ideias até então solidificados.

4. CONCLUSÕES

A partir desta pesquisa procuramos discutir não só a forma com que a veiculação da imagem da mulher é dada nas mídias levantando críticas e apontamentos sobre essas formas, mas, também, buscar na história a construção desta *persona* mulher e a forma com que o feminino tem sido construído e visualizado e, portanto, abordado nas mídias. Esta pesquisa também procura compreender mais profundamente as consequências que esta representação tem na vida das mulheres, afinal

(...) durante e depois da violência se sentia impotente e culpada pela utilização de seu próprio corpo contra a sua vontade e contra si mesma, já que somente o fato de apresentar a configuração biológica feminina



possibilitaria que ela fosse objeto desse tipo de violência (...). (MANFRÃO, 2009, p.32)

Fazemos essa discussão do ponto de vista também jurídico, que aponta que o padrão construído para a mulher não apenas a desumaniza, mas a coloca em posição de vulnerabilidade e perigo, podendo seu corpo ser violado tendo como justificativa o corresponder ou não à este padrão, e negando a atitude violadora ou comportamentos patológicos masculinos. Buscamos, com esta pesquisa, compreender de que formas o design enquanto mecanismo ativista pode atuar para disputar o espaço da narrativa sobre a mulher de forma a auxiliar na libertação do corpo feminino dos conceitos e expectativas que o aprisionam e o tornam vulnerável, seja pela condição de mulher “frívola, pueril, irresponsável, submetida ao homem” (BEAUVOIR, 1960, p.18), seja por não corresponder a estes padrões, e assim não se encaixar na definição de “mulher honesta”, estando suscetível até à ideia de *merecimento* da violência que sofre (MANFRÃO, 2009). Tal questão retorna a discussão ao ponto inicial deste trabalho, “Carta de Carnes: Cortes Femininos”, projeto de design que propõe uma visão literal da mulher enquanto produto consumível, definida e catalogada por terceiros, buscando o choque do espectador com a perspectiva que retrata crumente a construção ideológica de feminino e objetivando o questionamento sobre tal construção e suas implicações.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- MEGGS, Philip. **História do Design Gráfico**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- MARTIN, Emily. **A mulher no corpo: uma análise cultural da reprodução**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960a.
- FUAD-LUKE, Alastair. **Design Activism: Beautiful Strangeness for a Sustainable World**. Londres: Earthscan, 2009.
- MULVEY, Laura. **Prazer Visual e Cinema Narrativo**. In: XAVIER, Ismail (org). **A Experiência do Cinema: antologia**. Rio de Janeiro: Edições Graal; Embrafilme, 1983. p. 437-453.
- MANFRÃO, Caroline Colombelli. **Estupro: Prática Jurídica e Relações de Gênero**. 2009. Monografia - Bacharelado em Direito - Centro Universitário de Brasília.
- WEYMAR, Lúcia. **Disciplina: Design de Autor**. Notas de aula, 2017.
- KELLNER, Douglas. **A Cultura da mídia - estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**; tradução de Ivone Castilho Benedetti. - Bauru, SP; EDUSC, 2001.
- DATAFOLHA. **Pesquisa #APolíciaPrecisaFalarSobreEstupro**. Fórum Brasileiro de Segurança Pública, Agosto de 2016. Acessado em 26 de Setembro de 2017. Online. Disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br/publicacoes/a-policia-precisa-falar-sobre-estupro-o-percepcao-sobre-violencia-sexual-e-atendimento-a-mulheres-vitimas-de-estupro-nas-instituicoes-policiais/>